

PEDRO DA SILVA PEDROSO: entre ser um déspota e desvairado ou um imortal e pai da Pátria – Pernambuco, 1823

Wanderson Édipo de França¹

RESUMO

Pedro da Silva Pedroso atuou no cenário sócio-político pernambucano entre o fim do século XVIII e o início do XIX. Militar de carreira, pardo e de ânimos exaltados, ele teve papel de destaque na chamada Revolução Pernambucana de 1817. Em função de ter participado desse episódio, foi preso por alguns anos. Após ser solto, Pedroso capitaneou um levante que ficou conhecido como Pedrosada, em 1823. Embora emblemático, tal personagem foi pouco estudado pela historiografia. Nas linhas que se seguem, pretende-se expor alguns pontos de quem era o referido indivíduo e de sua atuação na vida pernambucana daquele tempo. Para tanto, a partir de investigações em escritos historiográficos e de análises documentais, buscou-se delinear aspectos da figura do dito personagem. E com isso se quis lançar luz na importância de Pedroso para a história de Pernambuco. Ao cabo disso, tendo analisado alguns aspectos da trajetória dele, percebe-se que também se está levantando questões como políticas raciais, identidade e participação popular em Pernambuco na época da Independência.

Palavras-Chave: Pernambuco, Pedrosada, Independência, participação popular.

ABSTRACT

Pedro da Silva Pedroso acted in the Pernambuco's socio-politic scenario between the end of 18th century and the beginning of 19th century. Former Military, pardo and exalted tempers, he had a significant role in the so called 1817's Pernambuco's Revolution. Due to his participation in that event, he was arrested for a few years. After being released, Pedroso led an uprising which became known as Pedrosada, in 1823. In spite of emblematic, this persona was little studied by the historiography. In the following lines, it is intended to expose some points about the mentioned subject and his performance in the Pernambuco's life at that time. Therefore, this study tried to delineate a little an image of the referred character starting with an investigation on historiographical writings and sources analysis. Thus, this paper focus on the importance of Pedroso to Pernambuco's history. Finally, having analysed some aspects of his trajectory, we also raise some questions, such as racials politics, identity and popular participation in Pernambuco at the Independence age.

Keyword: Pernambuco, Pedrosada, Independence, popular participation.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista pelo CNPq. Email: wanderson_music@hotmail.com

Esta pesquisa versa a respeito de alguns pontos da trajetória de vida de um indivíduo que, no mínimo, podemos considerá-lo emblemático, Pedro da Silva Pedroso. Para se tecer este arrazoado, dividimos o texto em duas partes. Na primeira seção veremos características que delineiam a figura de nosso personagem. A segunda seção é respeitante a um processo político e social da história de Pernambuco que ficou conhecido como Pedrosada. Esta que foi uma bernarda liderada por Pedroso ocorrida em fevereiro de 1823. Em suma, busca-se com esta pesquisa lançar luz na importância desse indivíduo para o desenrolar de relevantes episódios pernambucanos do contexto da Independência.

I. PEDROSO E SUAS TRAJETÓRIAS

Ele era tido para alguns, sobretudo para as gentes de cor, como um indivíduo amado, imortal, resoluto e pai da Pátria. Ao mesmo tempo era visto como um déspota, frenético, desvairado e perverso. Ainda que não se faça juízo de valor entre o bem e o mal, ao que tudo indica, ele foi uma figura de destacada participação político-social no cenário pernambucano entre o final da década de 1810 e o início da década de 1820. Mesmo que ele tenha sido um personagem de notória atuação, a historiografia não lhe dedicou tanta atenção.

Pedroso era um mestiço de cor parda que nasceu em finais do século XIX. Pelo que podemos depreender dos vestígios históricos que nos falam sobre tal personagem, ele era um homem de espírito radical e de fácil explosão. Em linhas gerais, Alfredo de Carvalho descreveu Pedroso da seguinte forma:

Alto e bem apessoado, tez cor de bronze, semblante enérgico e voluntarioso ao qual o longo cavanhaque luzidio e bastos bigodes negros davam certo cunho marcial; altivo e vaidoso da sua reputação de bravura, Pedroso, habitualmente de maneiras lhanas e afáveis, era, porém, sujeito a acessos de uma cólera explosiva quando, inteiramente desvairado, deixava-se impelir aos maiores desatinos ².

² CARVALHO, Alfredo de. **Os Motins de 1823**. In: SILVA, Leonardo Dantas (organizador) *A República em Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 67.

Quanto à sua carreira militar, conforme nos ensina Luiz Geraldo, ele sentou praça de soldado no regimento de artilharia da praça do Recife, passando depois ao posto de sargento. Em seguida, em 13 de julho de 1808, foi promovido a segundo-tenente do mesmo regimento. Já em 1813, sua patente foi elevada a primeiro-tenente de uma companhia recém criada de artilharia a cavalo do regimento de Olinda. Fez-se capitão do regimento do Recife em três de fevereiro de 1816 ³.

Em 1817 ele se destacou na Revolução Pernambucana com sua grande capacidade de liderança militar. Sua atuação foi tão peremptória em Dezesete, ao ponto de se pensar que, se ele não tivesse tomado uma ponte nas primeiras horas da Revolução, possivelmente os “patriotas” não teriam conquistado o governo da província ⁴. Nas palavras de Amaro Quintas, “o capitão Pedroso era um radical completo, o único capaz de medidas extremadas, e que se revelou integrado naquele mesmo espírito que inspirou a ditadura jacobina” ⁵.

Pedroso tinha instrução. Tanta prova que, nos anos em que ele ficou preso na cadeia da Bahia, ele “ensinou aritmética e álgebra aos colegas presos menos favorecidos intelectualmente” ⁶. Porém, como a documentação nos indica, ele era homem de menos de teoria e de mais prática.

Pode-se dizer que o dito capitão era um homem de muitas ações, porém, intempestivas. O que explica suas condutas truculentas e arbitrárias, como o fuzilamento de soldados, nos processos da Revolução Pernambucana. Um verdadeiro “arremedo de Terror”, segundo o qual oficiou Luiz do Rego Barreto em 23 de abril de 1818 ao Ministro Tomás Antônio de Vila Nova Portugal dizendo: “É alguma coisa não ter sido morto um só homem por ordem do governo rebelde, porque os únicos que foram fuzilados foi arbítrio do Pedroso, e só deu parte ao governo depois da execução” ⁷.

Nosso personagem não se acanhava em externar seus acessos de cólera. Exemplo disso foi o ocorrido na reunião do governo provisório de Dezesete, quando Pedroso ameaçou

³ SILVA, Luiz Geraldo Santos da. **Negros Patriotas**. raça e identidade social na formação do Estado Nação (Pernambuco, 1770-1830). In: István Jancsó (organizador). Brasil: formação do Estado e da Nação. Estudos Históricos, 50. São Paulo: HUCITEC, Fapesp, 2003, p. 515.

⁴ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. 2ª Edição. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2010, p. 194.

⁵ QUINTAS, Amaro Soares. **A Agitação Republicana no Nordeste**. In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (Organizador). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II, O Brasil Monárquico, Volume 03. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 248.

⁶ SILVA, Luiz Geraldo, Op. cit., p. 516.

⁷ QUINTAS, Amaro Soares. Op. cit., p. 253.

matar um membro desse mesmo governo, o advogado José Luís de Mendonça⁸. “Pedroso na casa do erário quis atravessar com a espada e matar a José Luís de Mendonça, porque este fizera a moção de se estabelecer um reino constitucional em lugar de uma república”⁹.

Pereira da Costa ilustra bem a índole da pessoa de Pedroso:

O capitão Pedro da Silva Pedroso manda então tocar a rebate, solta e arma os soldados presos nos calabouços do quartel; e reunindo-se então os conjurados, à proporção que vão chegando, – beijam a ensangüentada espada, como um juramento inviolável de morrer ou vencer. – Pedroso assim com a sua gente armada e municada, e posta em forma junto ao quartel, e à sua frente, eis que divisa o tenente-coronel ajudante de ordens do governador, Alexandre Tomás de Aquino Siqueira, que é vítima, à voz de fogo imediatamente dada pelo chefe¹⁰.

Não se pode esquecer que o dito Pedro possuía uma capacidade de arregimentar a “sua gente”, na maioria, composta de pretos e pardos. Em grande medida, isso foi um trunfo para a execução de suas ações. Pedroso “ora se fazia mula ora preto”¹¹. Frei Caneca se referiu ao caráter “populista” desse camaleônico pernambucano dizendo que ele “andava em uma roda da mais vil canalha desta praça”. Disse também que ele se associou à Irmandade do Livramento sob a assinatura: *Pedro da Silva Pedroso, pardo do Recife*. Caneca menciona um episódio do dia da festa da Estância no qual alguns membros do governo provisório avistaram esse autodenominado “pardo do Recife”: “em uma palhoça, rodeado de pretos e pardos, comendo, bebendo e ouvindo cantar, com uma negra sentada no seu colo; e vendo aos provisórios, além de apertar com eles para que tomassem assentos, lhes disse entre outras parvoíces: *Sempre estimei muito esta cor, é a minha gente*”¹².

De uma forma camaleônica, o pardo Pedroso se mostrava um habilíssimo manipulador de identidades raciais. Ele “‘embranquecia’ em certas ocasiões, e tornava-se homem de cor quando necessitava recorrer ao poder de fogo destes”¹³. Também transmudava sua identidade política com maestria. Em 1817 ele foi o “principal herói militar” e se dizia profundo

⁸ BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. **O Patriotismo Constitucional**: Pernambuco, 1820-1822. São Paulo-Recife: FAPESP/Ed. Univ. da UFPE, 2006, p. 168.

⁹ FREI CANECA, **O caçador atirando à arara pernambucana em que se transformou o rei dos ratos José Fernandes Gama**. In: MELLO, Evaldo Cabral de (organizador). Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. São Paulo, Editora 34, 2001, p. 141.

¹⁰ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Volume VII. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1983, p. 380.

¹¹ Revista do Instituto Histórico Pernambucano (IAHGP), **A Pedrosada 1823**, número 74, volume XIII, dezembro de 1908, p. 578.

¹² FREI CANECA, Op. cit., p. 143.

¹³ SILVA, Luiz Geraldo, Op. cit., p. 518.

republicano e antilusitano. Anos depois ele abraça fervorosamente os preceitos das Cortes Constitucionais. O que lhe valeu a obtenção de sua liberdade do cárcere. Assim, ele repele seus antigos ideais e adere à causa fluminense e favorável a D. Pedro I. Porém, “a fonte de poder de Pedroso era a população negra da província, cuja disposição política era por ele mobilizada e manipulada”¹⁴.

Foi revestido do apoio dessa gente, à qual Frei Caneca chamou de “imunda e vil canalha”, que Pedroso obrou suas vontades. Com o apoio de “sua gente” e do literato Jacinto Moreira Severiano da Cunha, Pedroso, em janeiro de 1823, à sua vontade, efetuou a prisão de 162 europeus¹⁵. Estes, após alguns dias de julgamento, foram postos em liberdade¹⁶.

Em grande medida ele incitou o conflito entre as gentes de cor contra os brancos. Para isso, ele, literalmente, “deu asas aos mulatos e negros”. Ousadia como a do pardo Lanoia, que de espada na mão foi questionar o porquê de o governo lhe pagar o soldo de tambor e não o de alferes. “Tudo isso ao pé da secretaria onde estava o Governador das Armas”¹⁷. Digno de nota o fato de Lanoia ser um Tambor Mor de Artilharia paga que foi feito por Pedroso Alferes dos Bravos da Pátria.

O pardo Pedro da Silva Pedroso apregooou na mentalidade de “sua gente” a antipatia dos “brancos”. Naquele tempo, nas ruas do Recife, correram os versos que diziam: “Marinheiros e caiados/ todos vão se acabar/ porque só pardos e pretos/ o Brasil hão de habitar”¹⁸.

Em oito de janeiro de 1823, ele próprio clamou: “morram os caiados! Para que não aparecem eles agora, que os havíamos de fazer em postas”¹⁹. Percebe-se nessa quadra e no clamor de Pedroso uma antagônica relação entre os brancos e as gentes de cor, bem como uma aversão entre os da terra e os de além-mar. Também se fazia uma sutil crítica à elite mestiça que se “embraquecia”, ou seja, se “caiava de branco”, em função da riqueza. Criticava-se sutilmente nesse verso, também, os cidadãos portugueses, pejorativamente

¹⁴ SILVA, Luiz Geraldo, Op. cit., p. 517.

¹⁵ FREI CANECA, Op. cit., p. 142.

¹⁶ Revista do Instituto Histórico Pernambucano (IAHGP), **A Pedrosada 1823**, número 74, volume XIII, dezembro de 1908, p. 578.

¹⁷ Idem, p. 578.

¹⁸ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **O Antilusitanismo e a questão social em Pernambuco, 1822-1848**. In: Miriam Halpern Pereira (org.) *Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX e XX)*. Editora Fragmentos, Lisboa, Portugal, 1993, p. 145.

¹⁹ CANECA, Frei. Op. cit., p. 143.

chamados de “marinheiros”²⁰. Aniquilar os “brancos” em função de “sua gente” fomentava uma consciência racial expressivamente arriscada para a classe senhorial. Principalmente quando, “à medida que o tempo passou, os portugueses foram ficando cada vez mais identificados no imaginário dos homens livres pobres brasileiros como os maiores inimigos do país”²¹.

Ao que tudo indica, os projetos de Pedroso eram no mínimo ambiciosos. Quando ele retornou de Lisboa, ainda como anistia de sua participação em Dezessete, capitão em disponibilidade, a Pedroso foi oferecido por Gervásio Pires Ferreira o comando de uma companhia do regimento de artilharia. Oferta que foi “orgulhosamente rejeitada pelo ex-coronel republicano”²². Posteriormente, suas ambições foram correspondidas com sua aclamação a Governador das Armas. Eis que as arbitrariedades se intensificaram por parte do agora aclamado comandante. Alfredo de Carvalho descreve essa postura tirânica da seguinte forma:

Consentindo na licença e na insubordinação dos seus comandados, começou a praticar toda a sorte de atentados contra a ordem pública, insultando, prendendo e ameaçando de fuzilamento a quantos incorriam no seu desagrado e revelando nestas determinações uma volubilidade inexplicável; as arruaças e os conflitos sucediam-se cotidianamente e ninguém se julgava acoberto das iras do frenético Governador das Armas²³.

O desregramento do então comandante continuou nas promoções sem critério dos pardos e pretos das tropas milicianas, na execução de soldados sem prévio e justo processo, prendia paisanos sem o consentimento do governo civil. Os desatinos de Pedroso culminaram com os episódios da bernarda que chegou aos nossos dias sob a denominação de Pedrosada, em fevereiro de 1823. Eis então que as tropas de gentes de cor e a população puseram Recife e Olinda em ar de verdadeiro pânico. Conforme Evaldo Cabral: A agitação assumia feição insurrecional, provocando os temores de uma revolução racial²⁴.

A Pedrosada teve uma curta duração, eclodindo no dia 21 e se findando no dia 28. Na mesma proporção que o pardo Pedroso alavancou-se com celeridade para se tornar Governador das Armas, sua ruína também foi acentuadamente rápida. Ou seja, “a reação leva-

²⁰ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Op. cit., 2010, pp. 195-196.

²¹ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Op. cit., 1993, p. 146.

²² CARVALHO, Alfredo de. Op. cit., p. 67.

²³ Idem, p. 75.

²⁴ MELLO, Evaldo Cabral de. **A Outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 e 1824**. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 124.

o, porém, à queda fragorosa. Preso, é remetido para o Rio de Janeiro, terminando melancolicamente a sua trajetória”²⁵. Porém, deixou marcas indeléveis na mentalidade da capital da província.

O historiador Luiz Geraldo Silva nos ensina que tanto Pedro da Silva Pedroso quanto seus partidistas, indivíduos de cor, que vivenciaram o contexto das lutas políticas daquele tempo, estavam envoltos na tensão entre aspirações barrocas e ambigüidades ilustradas. A respeito disso, melhor se expressam as palavras do próprio Luiz Geraldo ao dizer que foi tal tensão, “vívda na estrutura social e na estrutura social de personalidade dos indivíduos, que explica tais ações e pensamentos, e não qualquer dimensão psicológica ou mero oportunismo”²⁶.

Noutras palavras, pode-se dizer que a Pedrosada não foi um mero acidente histórico, uma bernarda ao acaso das circunstâncias. Foi fruto de um processo de mudanças de quadro mental e de lógica social que se principiaram no contexto entre as ruínas do Antigo Regime e da formação do Estado e da nação do Brasil. Pedroso e a “sua gente” representaram bem os novos tempos que o início dos Oitocentos prenunciou. No limiar entre transformações e permanências, tais indivíduos faziam suas próprias (re)leituras dos processos nos quais estavam imersos. Eles estavam diante de questões raciais, identitárias, de cidadania, militares e políticas que se combinavam e fervilhavam nas primeiras décadas do século XIX.

Pedroso foi chefe do Governo das Armas e, mais que isso, ele foi também líder de “sua gente”. Ele exerceu papel de catalisador dos anseios populares. Um homem de ação, como afirmou Tollenare, ao narrar a participação do então capitão nos agitados arroubos de 1817:

Um oficial de artilharia, o sr. Pedroso, homem de resolução, conduziu duas pequenas peças à ponte e fê-las jogar com sucesso contra os trabalhadores ocupados em cortá-la e mal protegidos por escassa fuzilaria; postos estes em fuga, avançou pela ponte e, com extrema audácia, ousou entrar no Recife onde devia encontrar a sua perda, porquanto não dispunha de mais de 120 homens²⁷.

²⁵ QUINTAS, Amaro Soares. Op. cit., p. 258.

²⁶ SILVA, Luiz Geraldo. **Aspirações Barrocas e Radicalismo Ilustrado: raça e nação em Pernambuco no tempo da Independência (1817-1823)**. In: JANCSÓ, István (organizador). *Independência: História e historiografia*. São Paulo: HUCITEC: FAPESP, 2005, p. 927.

²⁷ TOLLENARE, Louis-François de. **Notas Dominicais**. Coleção Pernambucana, volume XVI. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Recife, 1978, p. 141.

Das trajetórias de vida de Pedroso nos processos sociais e políticos do início do século XIX pernambucano, destacasse o motim que ficou conhecido com o seu nome, a referida Pedrosada. Diante disso, vejamos como se desdobrou essa bernarda de 1823.

II. PEDROSADA – O MOTIM DE 1823

Pedro da Silva e sua gente fizeram grandes desordens nas ruas do Recife e arredores entre os dias 21 e 28 de fevereiro de 1823. Tal motim ficou conhecido como Pedrosada, devido ao fato de ter sido capitaneado por Pedroso. Um levante envolvendo militares, paisanos, políticos e a turba. Alfredo de Carvalho classificou esse episódio da História de Pernambuco como sendo “um dos exemplos mais contristadores da completa desorganização política e da iminente dissolução social a que tínhamos chegado”²⁸.

A devassa desse motim nos fornece alguns detalhes sobre tal episódio. O Dr. Antônio José Osório de Pina Leitão, Desembargador e Ouvidor Geral do Crime da Relação, instaurou o inquérito para apurar quem foram os autores dos atentados de fevereiro de 1823. Para tanto, foram ouvidos os depoimentos de cerca de trinta testemunhas. Os mesmos foram indagados a respeito de quem e quais foram os perpetradores dos referidos atentados dos dias 21, 22 e 28 de fevereiro de 1823.

Perguntou-se também por ordem de quem foram perpetrados; quem e quais foram os indivíduos que direta ou indiretamente por conselho, ou por outro qualquer meio de intervenção, cooperaram para a perpetração dos mesmos; quais eram os fins que tiveram em vista os autores e os cooperadores para procederem da forma acontecida; e qual o foco ou origem dos acontecimentos objeto da dita devassa. Com base no que a lei determinava, – em observância da Ordenação do Livro Quinto, título sexto, parágrafo quinto e da Carta Régia de 21 de outubro de 1787 – os autores seriam punidos pelo crime de lesa majestade ou de segunda cabeça.

²⁸ CARVALHO, Alfredo de. Op. cit., p. 64.

A devassa tipificou tal motim como tendo sido fruto de atos funestos e execrandos. Um atentado contra a ordem pública, a tranqüilidade e a segurança dos habitantes da Praça do Recife.

Desta bernarda, teve-se um saldo de grandes tumultos e várias casas alvejadas com tiros de mosquetaria, artilharia e granadeira. Nos autos dos exames e vistorias da devassa constatou-se que, devido aos ruinosos vestígios de balas encontrados nas paredes, portas e janelas das casas alvejadas, houve combates nas ruas da Igreja de São Francisco, da Cadeia, do beco do ouvidor, da Florentina, de Nossa Senhora do Paraíso, da Rua Nova, do beco detrás da Matriz e do Cabugá.

Vestígios esses que explicam as mortes e os ferimentos de civis e militares. Como exemplo disso, segundo os autos dos exames feitos em pessoas feridas na "infausta" tarde e noite de 28 de fevereiro de 1823, temos: João Francisco de Melo, tenente do primeiro Batalhão de Caçadores, ferido na perna esquerda em combate contra os insurgentes; Antônio Luiz Vianna, capitão dos Bravos da Pátria, apresentando ferimentos de metralha e uma contusão denegrida; Manoel Luiz Arcoverde Maranhão, capitão de milícia, ferido com uma bala de granadeira que perfurou a coxa direita e se alojou na região glútea; Francisco Antônio, soldado do segundo Batalhão de Caçadores, ferido na região lombar, em perigo de morte; Floriano Correia de Brito, soldado de Artilharia de Linha, ferido com uma bala na perna esquerda; João Manoel da Silva, paisano, ferido a bala no lombo esquerdo, em perigo de morte. Tais indivíduos afirmaram que os respectivos ferimentos foram oriundos de combate efetuado contra o levante efetuado pelo ex-governador das armas, Pedro da Silva Pedroso.

Disse-se ainda na devassa que, no calor da anarquia, foram praticados roubos de armas e de dinheiro. Em depoimento, o comandante do quartel de Cavalaria paga do Recife disse que o quartel que ele comandava teve as fechaduras e portas arrombadas, tendo-se levado tudo que nele existia. Levou-se também uma gaveta onde havia papéis e um livro pertencentes à dita Companhia. Foi perguntado ao major do terceiro Batalhão de milícias, Custódio Ângelo de Vasconcellos, sobre o destino que levou o cofre do Trem Nacional, que ele o conduziu escoltado com a ajuda de três ou quatro soldados. Cofre esse cujo almoxarife do Trem, João Rodrigues de Miranda, afirmou ter depositado três sacos de dinheiro de cobre de cem mil réis cada um.

Conforme foi ouvido pela maioria dos depoimentos das testemunhas, apurou-se que se teve como autor primeiro e principal dos desatinos do dia 21 ao dia 28 de fevereiro de 1823, o

ex-governador das armas. Sendo ele, Pedro da Silva Pedroso, quem dera todas as ordens e quem pessoalmente conduzira e comandara os atentados. Na companhia de homens de cores seus “apaniguados”, muitos dos quais compunham a guarnição da Fortaleza do Brum.

Nos depoimentos das testemunhas foi dito que o propósito da insurgência era se verem representadas na província pernambucana, com ruína e exclusão total dos brancos, as terríveis cenas da ilha de São Domingos. Foi dito que, como primeiro passo dessa maquinação, aliciaram-se as gentes de cor em função de sua causa. Tal aliança em detrimento dos indivíduos brancos. Estes que eram insultados, sendo pejorativamente denominados de “caiados” e “puças”. Nas palavras do dito Francisco Queiroga, Pedroso:

achando que não conseguiria os fins enquanto achasse oposição da parte do Governo da Província, principiara então a denegrir a conduta do mesmo governo, trabalhando por fazer-lhe perder o conceito e reputação pública, levantando-lhes a calúnia de que a exceção do Governador Paula todos mais trabalhavam por estabelecer uma República nesta província, e que debaixo deste fantástico pretexto fora dirigindo e manobrando por tal forma a execução dos seus intentos²⁹.

Foi dito por alguns depoentes que Pedroso – tendo este visto a ascendência que tinha adquirido sobre pardos, cabras e negros – principiara a familiarizar-se intimamente com esta raça permitindo-lhes que insultassem aos brancos, mandando que os tratasse por caiados. Isso com o fito de se fazer eclodir em Pernambuco uma revolução como a de São Domingos. Revolução esta “na qual descaradamente já falavam a cada esquina e cantos os cabras e os negros como ele testemunha por muitas vezes ouviu, não só aos mais abalizados dentre eles, mas até aos mais ridículos moleques e até cativos”³⁰. Tudo isso para, com as gentes de cor, fazer-se senhor da província.

Uma testemunha afirmou que isto era tão manifesto ao ponto de a cada passo se “ouvir aos mais ridículos moleques falar na Ilha de São Domingos”³¹, e que toda esta terra pertencia mais a eles pretos e pardos do que aos brancos”³². É inegável o prestígio que Pedro da Silva Pedroso tinha diante das gentes de cor. O que nos fica patente nas palavras de João Ricardo,

²⁹ Biblioteca Nacional. Projeto Pernambuco, manuscritos. **Motins de Fevereiro de 1823** (translado da Devassa). MS-618 – pasta 34 – documento 11, arquivo 0353, p. 23. Daqui em diante esta fonte será referida como Devassa.

³⁰ Devassa, p. 59.

³¹ Tendo Jean Jacques Desalinas como líder da Revolução na ilha de São Domingos, a Independência do Haiti se deu em agosto de 1791. Para um entendimento do impacto do haitianismo no Brasil, ver: NISHIKAWA, Reinaldo. **O Haiti Não é Aqui: discurso antiescravista e práticas escravistas no Brasil (1790-1840)**. Revista MÉTIS: história & cultura – Volume 04, janeiro-junho de 2005, pp. 11-32.

³² Devassa, p. 64v.

capitão da companhia dos Monta Brechas ³³. Este afirmou que Pedroso podia se fazer um segundo imperador nesta província. Já Guilherme de tal, preto sapateiro, disse “que já não era tempo de negros e mulatos se deixarem iludir, e que presentemente negro, nem mulato não era cidadão, mas que o havia de ser quando todo este pais fosse dele, mais dos outros” ³⁴. Por sua vez, o tambor-mor de Artilharia, José Francisco do Espírito Santo “Lanoia, o braço direito de toda a canalha, altamente apregoava, que quando ouvissem a sua voz não ficaria com vida um só caiado” ³⁵.

Interessante notar a relação de Pedroso com as camadas populares de Pernambuco de seu tempo. Os partidários dele diziam que nunca deixariam de reconhecerem por Governador das Armas o dito Pedroso por ter sido ele legitimamente nomeado pelo povo. Manoel Francisco Maciel Monteiro, a vigésima sétima testemunha, disse ter ouvido do próprio Pedroso que o Imperador Governava, porém que o povo hoje também governava.

A nona testemunha, Manoel Alexandre Taveira, branco, casado, morador da praça do Recife, de idade de vinte e cinco anos, segundo Tenente de Artilharia paga, vive de seu soldo, disse que, em certa ocasião, na casa do dito Pedroso se encontrava uma grande quantidade de cabras e negros jantando à mesa com o Ex-Governador das Armas. Ele testemunha tendo ido de serviço à referida casa que se realizava tal jantar, ouviu José Tomás de Campos Quaresma afirmar que os povos tinham a liberdade de destituir e eleger os governos que quisessem ³⁶.

Como se pode observar na documentação, a influência de Pedro Pedroso não se limitava ao Recife. Tanta prova que a décima oitava testemunha, Lourenço Bezerra Cavalcante de Albuquerque, branco, casado, morador no lugar chamado Águas Belas, do termo de Garanhuns, e por hora residente da Praça do Recife, de idade de quarenta e quatro anos, que vivia de agricultura ³⁷, relatou que desde o mês de dezembro de 1822 o Ex Governador das Armas já andava angariando partidos pelos matos e demais comarcas de Pernambuco. Ele testemunha disse que sabia, com toda certeza, que na vila de Garanhuns da comarca nova do sertão havia emissários do dito Pedroso. Emissários estes que andavam “não só aliciando os negros e os cabras criminosos e a mais gentes de cor que ajuntaram para

³³ Corpo militar, organizado durante a administração de Gervásio Pires, composto de homens negros. Também eram companhias dessa mesma qualidade os chamados *Bravos da Pátria* e os *Intrépidos*. “É curiosa a organização, naquele tempo, destas entidades improvisadamente militares, formadas de elementos da massa e revestidos de um radicalismo revolucionário e populista”, conforme QUINTAS, Amaro Soares. Op. cit., p. 257.

³⁴ Devassa, p. 27.

³⁵ Devassa, pp. 26v-27.

³⁶ Devassa, pp. 40-40v.

³⁷ Devassa, p. 67.

fazerem partido com o mesmo Pedroso quando chegasse ocasião; mas também assanhando os Ligeiros, para roubarem e espancaram aos europeus e vários filhos do país”³⁸.

Pelo que consta nas palavras de alguns depoentes da Devassa, Pedroso estava já há algum tempo aliciando as gentes de cor em função de se colocar em prática os seus planos de se assenhorear como governador das armas da província pernambucana. Outras testemunhas disseram ainda que o estratagema do líder da Pedrosada consistia também em entregar Pernambuco ao julgo lusitano³⁹.

Francisco Correia de Queiroga, branco, solteiro, de trinta e dois anos de idade, a segunda testemunha, afirmou que quando desembarcou no porto do Recife, vindo da cidade de Lisboa, Pedroso vinha já com sinistras intenções de pôr tal província em confusão e desordem. Tendo, então, a finalidade de afastá-la da adesão ao Imperador, para outra vez a sujeitar a Portugal. Afirmou ainda que para tanto, Pedroso teve como o primeiro passo concorrer para a demissão e expulsão do governo civil. O mesmo teve ainda a habilidade de se fazer arvorar em Governador das Armas da Província.

Também foi dito na Devassa que o Ex Governador das Armas, pouco depois de ter chegado de Portugal, lhe dissera que o Governo desta Província não havia agido bem quando, em detrimento da causa de Portugal, se uniu à causa do Rio de Janeiro e do Príncipe Regente, hoje Imperador. Ouviu Pedroso dizer também que a união com Portugal resultava em maiores vantagens, haja vista que o Imperador, então Príncipe, era um moço tresloucado, que tinha sido traidor de seu próprio pai, e de quem poucos bens se podiam esperar⁴⁰.

A décima sexta testemunha, João Caetano de Albuquerque, branco, casado, morador da praça do Recife, de idade de trinta anos, porteiro do Trem Nacional, que vivia de seu ordenado, disse que, para além de se perpetuar o dito Pedroso no Governo das Armas da Província pernambucana, pretendia ele facilitar a entrada na mesma das tropas que viessem de Lisboa. Tal facilitação, segundo João Caetano, foi a condição com a qual Pedroso fora solto e perdoado pelas Cortes, quando ele se encontrava preso em decorrência de seu envolvimento na Revolução Pernambucana de 1817.

Aconteceu de no dia 21 de fevereiro de 1823, com a ajuda das gentes de cor, Pedroso se fez senhor da província. Foi nesse dia que ele entrou em triunfo na praça do Recife,

³⁸ Devassa, p. 63v.

³⁹ Devassa, p. 22v.

⁴⁰ Devassa, p. 85v.

montado em uma peça de artilharia. Quando ele chegou ao Palácio, o governo já havia se dissipado e se dirigido para a vila do Cabo. Isso por terem os membros do governo sabido da notícia de que negros e cabras tinham feito fogo contra os opositores do Ex Governador das Armas.

Foi nesse contexto que a população de negros e cabras disse que o Governo não seria mais dos caiados. Tal população afirmou ainda que Pedroso era o pai da Pátria e não queriam para governador das armas outro que não fosse ele. Disse ainda que enquanto ele Pedroso tivesse pretos e mulatos, tudo se arrasaria, mas a vitória seria sua e nunca da cambada de caiados.

Em depoimento, a décima testemunha, Manoel José Álvares Barbosa, branco, solteiro, morador da praça do Recife, de idade de vinte e quatro anos, comissário pagador da Tesouraria Militar do Recife, informou que, do dia 22 ao dia 28 de fevereiro, o Recife ficou em verdadeira desordem. Ficou tal praça entregue aos caprichos e arbitrariedade do referido Ex Governador. Alfredo de Carvalho afirmou que a pitoresca vila do Recife ficou nesses dias sinistros envolta em um aspecto lutuoso. Ele, ilustrativamente, descreveu tais dias dizendo que o comércio dessa vila ficou inteiramente paralisado. Disse também que nas ruas que outrora ressoava:

a vozeria azafamada dos escravos que, arrastando sobre carros baixos as sólidas caixas de açúcar ou vergando ao peso dos fardos de algodão, suspensos de varas fortes, seguiam caminho do porto ritmando o passo lesto ao som de nostálgicas toadas africanas, eram agora silenciosas e desertas quando não percorridas por grupos ruidosos de ínfima gentinha de cor que, ébria e semi-nua, brandindo armas improvisadas, praguejava ameaças de morte contra os republicanos e *caiados*⁴¹.

O pardo Pedroso incorporou um verdadeiro “caudilho”. Mandando e desmandando, ele continuou com os seus desmandos. Tendo os membros da Junta se refugiado no Cabo, no dia 22, e só retornado para a capital no dia 28, ficou o Recife por todo este intervalo abandonado:

a um estado anárquico, e tão anárquico que veio a produzir os funestos acontecimentos do dia vinte oito, quais foram o de se fortificarem os partidistas do dito Ex Governador, e partidistas das desordens, com peças de Artilharia, e toda a qualidade d’armas no Campo do Erário e dali fazerem fogo por todas as embocaduras das ruas dos Bairros de Santo Antônio, sendo

⁴¹ CARVALHO, Alfredo de. Op. cit., p. 83.

o resultado os estragos, mortes e ferimentos constantes dos autos de exames⁴².

Conforme a classificação dada por Amaro Quintas, a atuação de Pedro Pedroso foi uma ditadura efêmera e altamente populista⁴³. Concorreu para a efemeridade do motim de 1823 a celeridade com que se fez imprimir e circular uma proclamação, em nome do Imperador, fomentando recobrar a ordem. Tratou-se de distribuir gratuitamente 1230 exemplares de tal informativo. Com o fito de persuadir a população a respeito da insensatez da manutenção do motim, apregoou-se a idéia de que os que promoveram os processos iniciados no dia 21 pretendiam estimular a desunião entre os cidadãos, para poderem a partir daí se lançarem em um novo governo. Tal ponderação teve grande efeito na população. Tanto nos indiferentes quanto nos partidistas de Pedroso. O que abalou a continuidade do motim.

Quando os membros do Governo retornaram para o Recife no dia 28 de fevereiro, houve grande embate entre as tropas governistas e as tropas simpatizantes de Pedroso. Foi nesse dia que o mesmo Ex Governador de Armas, “o qual achara bastante enfurecido, assim como os que o rodeavam por causa de um ofício que lhe enviara a Junta Provisória em que os tratava de facciosos, não duvidara obedecer dizendo que obedecia, por ser a Câmara representante do povo, e ele também ser povo”⁴⁴. A instabilidade emocional do líder da Pedrosada o conduziu para a derrocada do motim de 1823. Os adeptos de Pedroso não resistiram frente às forças legalistas. Diante da derrota, Pedro da Silva Pedroso se demitiu do cargo de Governador das Armas em favor do coronel José Inácio Alves Ferreira. Em seguida ele se entregou na qualidade de prisioneiro.

Dos depoimentos da devassa pode-se inferir que Pedroso foi o principal cabeça do referido levante dos dias 21, 22 e 28 de fevereiro de 1823. Os depoentes apontam Custódio Ângelo de Vasconcellos; Caninana; Francisco do Rego Barros (Porqueiro); João Ricardo; Simplício Rodrigues da Silva; José Fernandes Brasil; José Dionísio e Bernardino de Sena Berlink como seus principais partícipes da Pedrosada. Estes foram arrolados pelas testemunhas como sendo participantes diretos na insurgência. Outros tantos foram arrolados como cooperadores diretos do motim. Uns são nomeados pelas testemunhas. Outros são tidos genericamente por “caterva da molecagem armada”.

⁴² Devassa, p. 41v.

⁴³ QUINTAS, Amaro Soares. Op. cit., p. 259.

⁴⁴ Devassa, p. 76.

Diante dos depoimentos contidos na devassa dos motins dos dias 21, 22 e 28 de fevereiro de 1823, podemos verificar 63 indivíduos que foram mencionados nos depoimentos ao menos uma vez pelos pouco mais de trinta depoentes. Desse total, temos 46 indivíduos sentenciados como culpados e, conseqüentemente, 17 que foram tidos como inocentes. Dentre os que foram tidos como culpados, oito figuraram como mentores e principais maquinadores dos acontecimentos objetos da Devassa.

No caso do ator principal do Motim de 1823, Pedro da Silva Pedroso, com o fim do levante, ele foi remetido para o Rio de Janeiro e encarcerado nas enxovias do Penedo da Laje. Peticionando para que se removesse do “terrível inferno dos vivos, em que [Pedroso] jazeu por espaço de cento e dez dias”, teve-se como procuradores: José Fernandes Gama, Francisco Ludgero da Paz, Jacinto Severiano Moreira da Cunha e Antônio José Gusmão e Silva ⁴⁵. Todos elencados como participantes e sentenciados como culpados do Motim de 1823, como consta nos autos da devassa. Dos quais, três foram tidos como cabeças da insurgência.

Os infortúnios de Pedroso enquanto ele esteve encarcerado foram descritos por seus defensores como sendo ele o “infeliz pernambucano” que foi “sepultado vivo nos infernos do Penedo da Laje”, que teve seus bens roubados, que foi tratado desumanamente como um facinoroso mouro da Barbéria, e que passou 110 dias “dentro de uma sepultura, no meio dos mares, de uma abóboda subterrânea ao nível do mar, com quatorze palmos de comprimento, e seis de largura, humidíssima, e tão lodosa, que a sola do sapato sendo firmada, se não podia arrancar sem ponderoso trabalho!” ⁴⁶.

Dizendo-se ter sempre estado ao lado do príncipe regente e depois Imperador – “o que se constituía numa mentira deslavada, ou em mais uma manipulação identitária – o antigo governador das armas volta para Pernambuco”. Após essa lúgubre estada nas enxovias, a participação de Pedroso em negócios políticos pode ser vista novamente em 1824, “dessa vez não para lutar pela ‘pátria’, pela ‘constituição’ ou pela ‘república’, mas para reprimir a Confederação do Equador” ⁴⁷. Comandando um batalhão, ajudou a entrada das tropas imperiais na província insurgente.

Depois disso, a atuação de Pedroso no cenário político ficou bastante mitigada. Viveu ele seus últimos dias no Rio de Janeiro. Depois da Pedrosada e da participação na força

⁴⁵ Biblioteca Nacional. Projeto Pernambuco, manuscritos. **Representação ao Imperador**. MS-618 – pasta 13 – documento 20, arquivos 432, pp. 01-02.

⁴⁶ Idem, p. 01v.

⁴⁷ SILVA, Luiz Geraldo, Op. cit., 2003, p. 519.

repressora contra a Confederação do Equador, Pedro da Silva foi passar o restante de sua vida no Rio de Janeiro. Tendo ele sabido, em 1834, que corriam nas ruas da capital do Império a idéia de que José Bonifácio havia sido o primeiro indivíduo que dera o brado da Independência, prontamente ele fez publicar na *Bússola da Liberdade*, na edição de 20 de setembro daquele ano:

Não pude ouvir a sangue frio que o Senhor Dr. José Bonifácio fosse o primeiro que desse o grito de independência do Brasil: esta glória só a mim pertence, porque eu é que fui o primeiro que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de março de 1817 pelas 2 horas da tarde, fiz soar esta palavra mágica, que ao depois foi ecoada em 7 de setembro de 1822 pelo Sr. José Bonifácio de Andrada nos campos do Ipiranga. Perdoe-me! O seu a seu dono ⁴⁸.

E assim se acaba a trajetória do pardo militar tão emblemático e que teve participação bastante ativa na vida política e social Pernambucana do início do século XIX. Para alguns, Pedro da Silva Pedroso era um leviano e radical. Para outros ele era visto como um herói e representante popular das gentes de cor pobres do Recife. Para além de juízo de valor entre ele ser “vilão ou mocinho”, o que se pode depreender das investigações feitas nos documentos é o papel de destaque que o mesmo exerceu durante alguns episódios aqui em tela.

⁴⁸ SILVA, Luiz Geraldo Santos da. **O Averso da independência: Pernambuco (1817-24)**. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A Independência Brasileira: Novas Dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 379.

REFERÊNCIAS

Periódico:

Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, **A Pedrosada** 1823, número 74, volume XIII, dezembro de 1908.

Manuscritos:

Biblioteca Nacional. Projeto Pernambuco, manuscritos. **Representação ao Imperador**. MS-618 – pasta 13 – documento 20

Biblioteca Nacional. Projeto Pernambuco, manuscritos. **Motins de Fevereiro de 1823** (translado da Devassa). MS-618 – pasta 34 – documento 11.

Bibliografia:

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. **O Patriotismo Constitucional**: Pernambuco, 1820-1822. São Paulo-Recife: FAPESP/Ed. Univ. da UFPE, 2006.

CARVALHO, Alfredo de. **Os Motins de 1823**. In: SILVA, Leonardo Dantas (organizador) *A República em Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **O Antilusitanismo e a questão social em Pernambuco, 1822-1848**. In: Miriam Halpern Pereira (org.) *Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX e XX)*. Editora Fragmentos, Lisboa, Portugal, 1993.

_____. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. 2ª Edição. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2010.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Volume VII. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1983

FREI CANECA, **O caçador atirando à arara pernambucana em que se transformou o rei dos ratos José Fernandes Gama**. In: MELLO, Evaldo Cabral de (organizador). *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. São Paulo, Editora 34, 2001.

QUINTAS, Amaro Soares. **A Agitação Republicana no Nordeste**. In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (Organizador). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II, O Brasil Monárquico, Volume 03. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A Outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 e 1824**. São Paulo: Editora 34, 2004.

NISHIKAWA, Reinaldo. **O Haiti Não é Aqui: discurso antiescravista e práticas escravistas no Brasil (1790-1840)**. Revista MÉTIS: história & cultura – Volume 04, janeiro-junho de 2005, pp. 11-32.

SILVA, Luiz Geraldo Santos da. **Negros Patriotas: raça e identidade social na formação do Estado Nação (Pernambuco, 1770-1830)**. In: István Jancsó (organizador). Brasil: formação do Estado e da Nação. Estudos Históricos, 50. São Paulo: HUCITEC, Fapesp, 2003.

_____. **Aspirações Barrocas e Radicalismo Ilustrado: raça e nação em Pernambuco no tempo da Independência (1817-1823)**. In: JANCSÓ, István (organizador). Independência: História e historiografia. São Paulo: HUCITEC: FAPESP, 2005

_____. **O Averso da independência: Pernambuco (1817-24)**. In: MALERBA, Jurandir (org.). A Independência Brasileira: Novas Dimensões. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TOLLENARE, Louis-François de. **Notas Dominicais**. Coleção Pernambucana, volume XVI. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Recife, 1978.

Artigo aprovado pela Profª Dra. Maria Ângela de Faria Grillo- UFRPE em 10 /12/2013.